

Menos conhecida do que a literatura, obra plástica do artista transcende a representação da realidade, criando um universo onírico em que estende sua visão dos conflitos da existência humana

Lúcio Cardoso: entre o vivido e o imaginado

FOCA LISBOA/DIVULGAÇÃO

ANDRÉA VILELA*

Quando se fala de Lúcio Cardoso, pensa-se imediatamente no escritor. Porém, além de romancista, poeta e cronista, Lúcio atuou em outras áreas da expressão. Foi também desenhista, pintor e autor de peças teatrais, tendo sido fundador do Teatro de Câmara. Escreveu, ainda, argumentos para cinema chegando a dirigir um filme com roteiro próprio, que acabou por não conseguir finalizar: *A mulher de longe*.

O projeto de Lúcio é o mesmo, mas os meios expressivos é que variaram. Sem dúvida, a escrita foi o principal deles e suas incursões pelo teatro, pelo cinema e pelas artes plásticas consistiram num desdobramento do seu projeto de escritura.

Quem conhece a obra de Lúcio é capaz de reconhecer nele, além de um delator do que há de mais escondido na alma humana, um sofisticado criador de imagens. Formas, cores, manchas, sombras, luzes, figuras, objetos, cenas, paisagens ocupam espaço nas entrelinhas do texto, transbordando para fora da página e explodindo diante das retinas estufadas do leitor que é capturado por esse amalgama de texto, imagem, poesia, paixão.

É o próprio Lúcio quem revela de onde tira as imagens presentes na escrita, na pintura e nos desenhos. Em seu diário afirma que seu olhar é filtrado pela memória. Assim escreve: “as coisas para serem vistas por mim, têm necessidade de preexistirem no meu íntimo”. Se é possível afirmar que a obra é uma só e que o que varia são os meios utilizados para realizá-la, no caso de Lúcio pode-se também afirmar que a principal matéria que a compõe também é a mesma. O que a alimenta ou o principal elemento de composição dessa obra é a memória. Esta é para Lúcio alimento poético que colabora na atmosfera de suas criações. É das névoas imprecisas da lembrança que surgem as imagens que recria, filtradas pelas impressões de seus olhos de menino. As paisagens que encontra e com as quais se identifica não são por ele descobertas, mas, sim, reconhecidas, segundo suas palavras — “uma verdade que do lado de fora vem encontrar o seu eco (...)”, eco de uma verdade existente ou existida — e que desperta alguma coisa remota retida nas retinas do menino. Em outro trecho do *Diário*, revelaria “O que olha por mim são sempre olhos de menino”.

Aos 50 anos Lúcio foi acometido por um derrame que o deixou afásico. Impedido de escrever, passou a se valer do desenho e da pintura como forma de expressão. A necessidade de criar o levou a encontrar nessa expressão, que já lhe era familiar, uma maneira de continuar a se inscrever na vida.

Após o derrame, por indicação do doutor Pedro Nava, Lúcio passa a frequentar a Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR), para tratamento por meio de fisioterapia, fonoaudiologia, musicoterapia e terapia ocupacional. Lindaura Portela, pintora e terapeuta ocupacional que cuidava de Lúcio, passou a pesquisar suas aptidões naturais, o que levou à redescoberta da pintura. Estimulado a voltar a pintar, agora com a mão esquerda, começa uma nova fase na vida.

Os trabalhos iniciais denunciavam a dificuldade motora ocasionada pelo derrame, guardando semelhança com traçados infantis. Essa semelhança faz pensar numa relação com a fase que principia-va como uma espécie de infância nesse renascer de uma nova vida que o aguardava. Essa relação simbólica parece denunciada num de seus primeiros desenhos em que se vê uma espécie de parque com uma roda-gigante e uma lona armada. O menino Nonô que o habitava pôs os olhos de fora e volta a criar imagens que residem num “entrelugar” entre o vivido e o imaginado.

Aos poucos o Corcel de Fogo — forma como Clarisse Linspector o chamava — vem surgindo montado em pelo por esse menino que não quer morrer. Surgem plenas de cor, de massa e de gesto paisagens e figuras que residem no seu universo interior feito do barro da lembrança e da paixão.

Suas estranhas paisagens e figuras, estejam elas nos romances ou nas pinturas, parecem pertencer

ao “tempo do perdido”, expressão sua. Seu olhar, transformado pelo filtro da memória, é o que faz com que Lúcio componha sua obra com uma mesma matéria-prima de lembrança e paixão.

Muitas vezes Lúcio recorreu à expressão visual para se aproximar de seus personagens. Há desenhos e pinturas, tanto de antes quanto de depois da doença que mostram isso. Como um desenho a pastel anterior à doença, em que se diz representar a personagem Nina, ou uma pintura da fase pós-derrame, que se supõe representar “o viajante”.

Nos diários, Lúcio diversas vezes traz reflexões que são como que chaves de leitura para sua obra. Num determinado trecho afirma o seguinte: “Posso definir no entanto: o romance, por exemplo, não é para mim como uma pintura (abaixo os homens do pincel!) mas como um estado de paixão. Não quero que o meu possível leitor encontre tal ou tal árvore, tal ou tal banco, semelhante ao banco, à árvore que conhece. Quero — e com que violência — que ele depare em meus escritos com uma árvore e um banco recriados através de um movimento de paixão, e que assim designados, assim reconhecidos, possa situá-los em seu espírito como elementos da minha atmosfera de declive e tempestade”.

Nessa afirmação em tom de manifesto, Lúcio diz não querer que seu leitor depare em seus romances com uma árvore ou um banco reconhecíveis, mas que aqueles com os quais vai se deparar foram transformados, recriados, através de um movimento de paixão. Parece querer dizer que isso os diferenciaria de um banco ou de uma árvore pintados, diante dos quais é possível identificar-se pela semelhança de forma: banco, árvore. Embora reafirme a diferença entre o romance e a pintura, o primeiro uma obra a ser fruída no tempo e a segunda no espaço, esse desejo, porém, parece acompanhá-lo quando ele se lança a um trabalho de pintura, pois, as cenas, as paisagens e os personagens que encontramos nelas são tão subjetivos que é possível perceber se tratar de imagens recriadas pela paixão e colhidas de algum lugar entre as brumas da lembrança. Elementos de sua atmosfera de declive e tempestade.

De maneira geral seus desenhos e pinturas não são feitos a partir de uma referência. Como a observação direta de uma figura ou cena, ou uma fotografia, embora isso possa ocorrer ocasionalmente. Além de possuir certa liberdade composicional, percebe-se que as imagens que contém fazem parte de um universo que não se encontra limitado à realidade.

Lúcio revela que suas paisagens estão relacionadas a um estado de alma, e isso fica evidente tanto na escrita quanto na obra plástica. O pesquisador Mario Carelli fala de um “influxo antropomórfico” presente nas paisagens de Lúcio, o que empresta às suas paisagens e aos elementos que as compõem algo que as relaciona a sentimentos e conflitos humanos. Há um pastel seu, por exemplo, que consiste numa estranha paisagem de árvores retorcidas. A impressão que nos causa é a de que estamos entrando num bosque do inferno de Dante, e que toda a paisagem se retorcer sofrendora, atormentada pela danação.

A capacidade de lidar com a plasticidade das imagens e de manipular elementos que participam intimamente do universo da expressão visual na composição de sua escrita — cores, traços, manchas, contrastes, luzes, sombras — ajudam a alinhar os meios de que se valeu para se exprimir, e foram de grande importância quando precisou passar de escritor que pintava esporadicamente, para pintor que tentava se manter vivo, alimentando-se dos mesmos elementos que o levaram um dia a escrever. Entretanto, Lúcio não fazia literatura pintada, nem tampouco pintura verbalizada. Os elementos plásticos, poéticos e literários desempenharam cada qual o papel que lhes cabia de acordo como o meio em que foram usados.



Andréa Vilela é artista plástica, doutora em literatura brasileira (UFMG) e professora da Escola de Belas Artes da UFMG.



Obra em pastel sobre papel mostra a preocupação do artista com a composição, ritmo e o uso da cor

FOTOS: ANNE ACQU/DIVULGAÇÃO

Pintura subterrânea

BEATRIZ DAMASCENO*

“...nas longas horas de expectativa deitado na grama ou no terreno ni, sinto uma palpitação que não me é desconhecida, qualquer coisa que desce à ponta dos meus dedos, e que se chama a necessidade de escrever.” Esta afirmação está no *Diário completo* (1970), de Lúcio Cardoso, artista potente que caminhou pelas letras, pintura, teatro e cinema. Passados 50 anos de sua morte, é importante registrar a sua singularidade e papel nas artes brasileiras. Saliento, aqui, tomada pela citação acima, a relação visceral do escritor com a escrita de diários. Lúcio Cardoso manteve o diário íntimo durante toda a trajetória de artista. O híbrido gênero para ele era oficina: nele estão as colagens, os fragmentos, as rasuras das experimentações.

O exercício da escrita a quente, no instante do acontecimento e ao sabor do tempo. “Sem dúvida, o ideal como ‘diário’ não é um processo constante de autoanálise — convenhamos que nem sempre há dentro de nós grandes novidades, já somos tão conhecidos — e sim alguma coisa que participe da invenção. Gênero híbrido, a ser tentado”, registrou. É notória a visão contemporânea do escritor, pois nessa articulação os fragmentos se compõem e atingem uma dimensão inimaginável porque apresentam sempre uma linguagem de prontidão, que não se dá ao acabamento. Seu diário traz, portanto, reflexões

sobre a vida, sobre o próprio ato de escrever, além de um rico panorama das artes.

Esta relação intensa e em cumplicidade com a escrita não se rompe nem mesmo nas maiores dificuldades. Após sofrer o acidente vascular cerebral, em 1962, manteve a dignidade com o trabalho e a vida, e, à maneira própria do corpo, deixou inúmeros escritos. Sua escrita, que antes já se reconhecia vigorosa e testemunha da experiência, também lhe exigiu, ela própria, sua permanência, num “efeito apaixonado de uma dicção excessiva, que parece não se deter, num impulso irreprimível que não cessa de escrever, exatamente por não encontrar o seu ponto de basta...”, como registrou a professora Ruth Silviano Brandão.

Além disso, o artista potencializou sua pintura, que se mostrou cada vez mais pujante, positivamente uma outra forma de escrita. Nesse ponto, impressionou todos, Carlos Drummond de Andrade, afirmou, no *Correio da Manhã*: “Poeta na mais extensiva aplicação do termo, ele é um dos que, usando meios puramente estéticos, trabalham por desvendar, no sistema de realidades aparentes, a realidade subterrânea do homem.” “O pintor estava dentro dele, vigilando e esperando sua hora, (...) na riqueza de dons que o fizeram, de nascença, fatalizado, um artista.”

Nesse momento, intensamente pós-utópico, e ainda agravado



Pintura a óleo sobre tela se aproxima do expressionismo



Trabalho realizado em guache: diversidade de técnicas

pela perda do passado, é um deleite registrar o valor de um artista brasileiro que cumpriu sua sina e que, por isso, se mantém em nosso reconhecimento, como já afirmara a jornalista e escritora Nair Lacerda, ao observar a chegada do escritor à inauguração da *Exposição de pintura*, na Galeria Atrium, em 1966, em São Paulo, “movendo-se com infinita dificuldade, ainda é ele quem faz a

dádiva melhor, ainda era ele, ali, naquele subsolo repleto, a grande, a nobre presença.”



Beatriz Damasceno é professora do Departamento de Letras da PUC-Rio e autora do livro *Lúcio Cardoso em corpo e escrita* (EdUERj, 2012).

DIÁRIOS INÉDITOS DE WALMIR AYALA

O poeta, romancista, teatrólogo, crítico de arte e literatura gaúcho Walmir Ayala (1933-1991) foi grande amigo de Lúcio Cardoso, com quem compartilhava um estilo particular, em que a solidão, a morte e a religiosidade são temas recorrentes. Autor de *Este sorrir, a morte: poemas* (1957), do romance *À beira do corpo* (1964), de diversos livros infantis e peças de teatro, Ayala se refere a Lúcio Cardoso com admiração nestes trechos de seus diários inéditos, cedidos ao *Pensar* por André Seffrin.

19-7-1963

■ A inteligência plástica de Lúcio Cardoso, nesta fase difícil de recuperação de um derrame, é como um toque de mistério. Não tem nada a ver com habilidade ou artesanato, usando, como usa, a mão esquerda, resultando, por vezes, em admiráveis trabalhos de desenho a pastel. É como se o talento do romancista, que lhe é próprio, impelisse a mão a um trabalho de compensação da deficiência orgânica, levando-o ainda a desenhar paixões. Então todo o seu ser, não a mão ou a técnica, se derrama na concepção visual daquilo que antes era imagem verbal e metafórica. Surge assim a transfiguração do mais íntimo do seu mundo, de forma que ele, antes inconfundível romancista, agora é também inconfundível pintor.

29-10-1963

■ Daqui vejo o nosso pequeno jardim. Lúcio executou, com ausência de tudo mais, um espantoso trabalho a pastel, um grupo de pessoas que vão assomando dentre as cores, indefinidas em detalhes mas completas na atmosfera. O mundo maravilhoso que alimentamos no fundo da nossa alma não se perde nunca, ainda que percamos a maior parcela dos sentidos. Ai está Lúcio Cardoso, perfeito e integral neste desenho que se completa, com toda a dificuldade que a doença criou para o seu corpo, mas também com toda a força de um talento que a doença não foi capaz de deturpar. Ai está um homem que não parou de crescer, que não acabou como se poderia pensar, mas que utiliza das sobras de seus dons múltiplos e inesgotáveis, numa perfeita afirmação da vontade e da grandeza de coração.

26-7-1988

■ O olho dele no retrato — é um desafio. O olho de Lúcio Cardoso na capa do livro sobre sua vida e obra escrito por Mario Carelli. Aquele olho perfurante, quase satânico, cobrando permanentemente a nossa vigília sobre a miséria e a pusilanimidade. Não, ninguém mais pôde dormir em paz, depois de ter conhecido Lúcio Cardoso. E conhecido não como simples acidente de percurso, mas como envolvimento em malha sombria e forte, onde se debatem os vivos e os mortos numa sinuosa música de acusação. Ah, este olho que vi tantas vezes seguindo meus gestos. Este olhar a cuja luz despertei tantas vezes, com quase temor, pelo abismo que podia estar preparando. No entanto a doçura daquele olhar, quando o efeito da bebida forrava a consciência, e uma onda inteligente de dolorida reflexão transformava-se em discurso irresistível. Então chorávamos e eu, muito jovem, não entendia por que aquele homem realizado, importante, fecundo, sofria tanto. Dava-me raiva às vezes. Eu acreditava que o futuro só podia ser de segurança e independência. Ai de mim! Aqui estou com a idade que ele tinha naquele tempo, assediado por angústias semelhantes, à minha maneira, apenas com uma diferença essencial: não sou um autodestruíto. Pelo contrário, eu me rebelava contra a fúria com que ele se entregava à paixão, uma paixão pela noite, pelo sobressalto, pela insônia e o pesadelo. Acho que poucas pessoas acreditam quando conto o episódio em que Lúcio se envolveu, mandando contrair um homem para o perseguir e matar. Querita sentia a sensação do perseguido, da vítima, certamente para a resolução de uma de suas tramas. Agora, lendo o livro de Mario Carelli, quanta revelação! Quanta pedra encaixada neste puzzle embriagado. Porque era difícil acompanhar integralmente a literatura de Lúcio, vivendo, como vivi, tão perto dele. Ele sufocava e não permitia espaço para o mergulho na ficção, porque o romance mais perfeito e trágico era o que ele mesmo protagonizava em cada hora de uma vida intensa e atormentada. Nós o amávamos, não é, Lelena? E como! Ele movia contra nós suas unhas de ciúme, e eu, um ciumento-mor, me comprazia neste duelo silencioso e compassivo. Se a minha vida valeu por alguma coisa, uma delas é tê-lo conhecido, e não poder, não querer, jamais aceitar o esquecimento. Porque ele volta, como agora, como uma onda carregada de sal e salsugem, cheirando forte, a carne, e absoluto, robusto, generoso, questionador. Disse a literatura brasileira carece muito, hoje. De forças de instinto e de espíritos maiores. Não é a produção literária que está em baixa. É a voltagem humana do produtor.



Mesmo após sofrer um AVC, Lúcio seguiu se expressando com imensa paixão criativa



Nina, pastel sobre papel, realizada em 1958: aproximações com personagens de seus livros